

**PERCEPÇÕES DAS DIFERENÇAS DE GÊNERO ENTRE ADOLESCENTES
DO MUNICÍPIO DE JUAZEIRO-BA**

**Gilvânia Patrícia do Nascimento Paixão, graduanda em Enfermagem pela
Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).
gilvania.paixao@gmail.com**

**Sheila Milena Pessoa dos Santos, Especialista, professora auxiliar do colegiado de
enfermagem da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).
sheila.milena@gmail.com**

**Paulo Roberto Ramos, Doutor, professor adjunto da Universidade Federal
do Vale do São Francisco (UNIVASF). paulo.roram@gmail.com**

PERCEPÇÕES DAS DIFERENÇAS DE GÊNERO ENTRE ADOLESCENTES DO MUNICÍPIO DE JUAZEIRO-BA

RESUMO

A noção de gênero é entendida a partir das relações estabelecidas nos contextos sociais, não se limitando somente as percepções das diferenças biológicas entre os sexos. Essas percepções, por sua vez, estão fundadas em classificações que tomam por opostos o “ser homem” e o “ser mulher”. O presente estudo teve como objetivo analisar as percepções de gênero de 24 adolescentes de 14 a 18 anos, para entender o processo de atribuição de papéis e diferenças socialmente construídas. Trata-se de uma pesquisa descritiva e analítica, com abordagem qualitativa, realizada durante oficinas de trabalho com adolescentes do programa “Agente Jovem”, a partir de anotações, discussão em grupo, relatos de percepção e análise de discurso. Como resultados, identificamos que os sujeitos do estudo atribuíram, quase que exclusivamente, aos homens atividades relacionadas à força, a virilidade e a auto-suficiência; enquanto que as atividades ligadas à maternidade, ao afeto, ao cuidar foram quase que em sua totalidade colocadas como papéis e atribuições femininas. Observamos que as divisões dos papéis entre homens e mulheres é algo formado pela tradição histórica, a qual ainda encontra atualmente abrigo no cotidiano do(a)s jovens adolescentes pesquisado(a)s. Estas diferenças se refletem nos mais diferentes seguimentos populacionais, embora a promoção da igualdade entre homens e mulheres seja reconhecida como uma forma de promoção de uma sociedade mais justa. Portanto, observar as percepções dos adolescentes é fundamental para conhecer o universo que permeia suas relações sociais em geral e compreender os fenômenos relacionados às desigualdades de gênero neste grupo.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescente. Gênero. Papéis.

PERCEPTIONS OF THE DIFFERENCES OF GENDER AMONG ADOLESCENTS IN THE CITY OF JUAZEIRO-BA

ABSTRACT

The gender notion is understood starting from the established relationships in the social contexts, if not limiting only the perceptions of the biological differences among the sexes. Those perceptions, for your time, they are founded in classifications that take for opposed the “to be man” and “to be woman”. The present study had as objective analyzes the perceptions of 24 adolescents, gender from 14 to 18 years, to understand the attribution process of you eat and you differentiate socially built. It is a descriptive and analytic research, with qualitative approach, accomplished during work workshops with adolescents of the program “Young Agent”, starting from annotations, discussion in group, perception reports and speech analysis. As results, we identified that the subject of the study attributed, almost that exclusively, to the men activities related to the force, the manliness and the self-sufficiency; while the linked activities to the maternity, to the affection, when taking care were almost that in your totality placed as you eat and feminine attributions. We observed that the divisions of the papers between men and women are something formed by the historical tradition, which still finds now shelter in the everyday of the researched adolescent youths. These differences are reflected in the most different population followings, although the promotion of the equality between men and women is recognized as a form of promotion of a fairer society. Therefore, to observe the adolescents perceptions is essential to know the universe that permeates your social relationships in general and to understand the phenomena related to the gender inequalities in this group.

KEYWORDS: Adolescent. Gender. Papers.

INTRODUÇÃO

As noções de gênero são constituídas a partir das relações estabelecidas das percepções sociais das diferenças biológicas entre os sexos, mas que não se limitam a estas diferenças. Essa percepção, por sua vez, está fundada em classificações que tornam opostos o “ser homem” e o “ser mulher”. Bourdieu (1999) aponta para o fato de que esta oposição é representada em pares de opostos, tais como forte/fraco, grande/pequeno, acima/abaixo e dominante/dominado. Nestas relações, as mulheres costumam desempenhar o papel de submissão, de coadjuvante nas ações sociais. Todavia, estas oposições/hierarquizações são formulações arbitrárias e historicamente construídas dentro de um quadro de hierarquia e desigualdades (ANJOS, 2000).

De acordo com Gomes e Freire *apud* Araújo (2008), esses comportamentos construídos a partir de diferenças entre homens e mulheres são frutos, em grande medida, de uma suposta naturalização das diferenças perpassada por várias instituições responsáveis pela nossa aprendizagem e formação como, por exemplo, a família e a escola. Dessa forma, nós reproduzimos esses (pre)conceitos como verdades naturais e os trazemos para as relações sociais de nossas vivências.

A discussão e o questionamento das diferenças entre homem e mulher resultaram, em grande medida, da construção de uma nova imagem econômica e política feminina, a partir dos séculos XVIII e XIX, impulsionadas pelas conquistas das mulheres (entrada no mercado de trabalho, direito ao voto, maior escolaridade e separação entre sexualidade e reprodução).

A emergência da polêmica cultural em torno da natureza e função da mulher na sociedade provocou uma nova ótica de resignificação da sexualidade humana (Costa *apud* TAQUETTE, 2004).

O conceito de gênero foi introduzido primeiramente nos Estados Unidos na década de 70 no campo da antropologia, pelo movimento feminista, e sua análise contribuiu enormemente na discussão da sexualidade nas últimas décadas.

Apesar da ocorrência de todas as transformações, no século passado, nas relações entre os gêneros, ainda hoje persiste um quadro de "dominação masculina". As discussões de gênero implicam em admitir normas, valores, percepções e representações que acompanham a vida do sujeito, legitimando sua identidade numa relação de diferenças e hierarquias (TAQUETTE, 2004).

A complexidade e pluralidade das identidades subjetivas e dos questionamentos das lógicas de poder e de dominação, expressas nos sistemas de gênero, costumam questionar a naturalização que justifica as desigualdades sociais entre homens e mulheres. Isto implica em admitir que além dos fatores biológicos, psíquicos e sociais, outros aspectos podem interferir no desenvolvimento e expressão da sexualidade individual e coletiva (CORREA, 1999).

O que é “ser homem” e/ou “ser mulher” tem suscitado inúmeras interpretações em diversos campos do saber. A atitude dos homens e das mulheres está intimamente ligada às representações simbólicas de masculinidade e feminilidade que se constroem historicamente. Por isso, são mutáveis e relacionais (TAQUETTE, 2004).

Neste sentido, quase sempre, desde cedo as mulheres têm à prerrogativa de cuidar da casa e dos irmãos menores. Enquanto para os homens é reservado o papel das descobertas na rua e o poder de sobrepor sua vontade às mulheres (DIAS & AQUINO, 2006).

A conseqüência dessa diferenciação entre homens e mulheres se reflete, inclusive, na intimidade das relações sexuais. Espera-se da mulher um comportamento passivo e do homem um comportamento ativo. Ao homem cabe a iniciativa e o prazer, já à mulher ficou reservado o papel de complacência, submissão e reprodução (Bozon *apud* PANTOJA, 2003).

Algumas pesquisas apontam que um comportamento ativo da mulher, na prevenção da gravidez e das DSTs, por exemplo com o porte de uma “camisinha” em sua bolsa, implicaria numa representação social dela estar apta à “experiência sexual” e numa conduta desvalorizada socialmente. No entanto, este comportamento é contraditório, pois os homens costumam reservar para as parceiras o compromisso de prevenir a gravidez, mas tomam para si, a palavra final quanto ao uso da “camisinha” (HEILBORN *et al*, 2002).

Estudos acerca do comportamento sexual dos adolescentes têm mostrado o início cada vez mais precoce das relações sexuais. Possivelmente, em decorrência da falta de informação e despreparo, este fenômeno costuma apresentar problemas relacionados ao processo reprodutivo e relacional dos adolescentes, sobretudo às mulheres, como a gravidez indesejada, o aborto, desestruturação das relações familiares, doenças sexualmente transmissíveis, inclusive a infecção pelo vírus da imunodeficiência humana, o HIV.

Outra questão importante relacionada à categoria de gênero, por exemplo, são as práticas e ações em saúde reprodutiva enfocadas, sobretudo, nas mulheres; reforçando a noção de que a responsabilidade dos cuidados com a sexualidade é eminentemente feminina, afastando a possibilidade dos homens de participar deste processo.

Esta concepção equivocada, se reflete na vulnerabilidade feminina, com o aumento significativo de casos de DSTs/AIDS entre mulheres com menos de 18 anos. Este aumento decorre, além da anatomia e fisiologia feminina, do baixo poder de negociação das mulheres no momento de usar o preservativo.

Diante do exposto, percebe-se que a desigualdade de gênero pode favorecer o aparecimento de agravos e enfermidades. Por isso, conhecer as questões de gênero, formadas socialmente e que estão presentes no cotidiano da população, é o primeiro passo para o enfrentamento dos problemas decorrentes das diferenças construídas.

Assim, privilegiar a fala das adolescentes e conhecer o universo que permeia suas relações foram processos imprescindíveis na compreensão dos fenômenos relacionados às desigualdades de gênero, aqui expostos. Este trabalho buscou investigar, numa perspectiva analítica, as percepções dos adolescentes sobre as diferenças, hierarquias e papéis de homens e mulheres.

A PESQUISA NA EXTENSÃO: MATERIAIS E MÉTODOS

Este artigo é resultado de um estudo descritivo e analítico, com abordagem qualitativa, realizado a partir de uma atividade de extensão, que teve como intuito conhecer a percepção dos adolescentes sobre as diferenças e papéis socialmente estabelecidos para homens e mulheres. O trabalho desenvolvido se propôs também analisar de forma mais ampla e integradora, a temática das desigualdades de gênero, não se reduzindo simplesmente a passar informações sobre as questões das diferenças dos sexos, mas enfatizando a construção social das identidades e sua influência na sexualidade dos adolescentes.

Dentre as atividades de extensão foram realizadas oficinas temáticas, com dinâmicas de grupo; nas quais, conforme propôs Afonso (2000), se pôde reconstruir e criar significados, além de revivenciar situações e relações marcantes da história de vida destes jovens, as quais têm significação fundamental no comportamento e percepção destes jovens sobre a sexualidade.

A amostra foi constituída por 24 adolescentes, de 14 a 18 anos, de ambos os sexos, participantes do programa federal Agente Jovem¹, em um bairro periférico da cidade de Juazeiro-BA, durante o mês de novembro, de 2007.

A oficina foi dividida em três etapas. Conforme as etapas, a seguir:

Etapa 1: Teve como objetivo conhecer a percepção dos adolescentes acerca dos papéis do homem e da mulher. Para isso, foram colocados dois painéis na parede: um painel da cor rosa e um outro de cor azul. Em cima da mesa, havia uma caixa com frases escritas em tiras de papel. As frases indicavam ações, como: “lavar pratos”; “trocar pneu de carro”; “cuidar dos filhos”; “jogar futebol”; “arrumar a casa”, dentre outras. Sem nenhuma informação, os participantes deveriam pegar uma tira de papel e por si só, fixar em um dos painéis.

Etapa 2 : Nesta etapa, utilizamos o método Educacional Psicodramático, proposto por Romaña (1992). Este método é bastante recomendado quando o conhecimento é decorrente de uma aprendizagem simultânea à experiência de vida, pois segundo a autora “sabemos por que vivemos e experimentamos”. O psicodrama enquanto teoria que fundamenta uma prática de ação tem a “espontaneidade” como o seu conceito mais importante (DINIZ, 2000). Para trabalhar com esta técnica elaboramos cinco situações fictícias do cotidiano. Pedimos a participação do grupo, pois para cada situação sugerida, precisávamos de voluntários para serem os protagonistas. A narradora lia o começo da estória e solicitava que a cena fosse congelada. Daí em diante, os adolescentes representavam espontaneamente situações envolvendo questões de gênero, trazendo experiências vivenciadas no dia-a-dia de cada um deles.

Etapa 3: Tomando a formação de círculo, o grupo discutiu sobre as situações apresentadas e como os protagonistas deram continuidade às mesmas.

Para as etapas 2 e 3, foi utilizado o gravador de voz.

O trabalho cumpriu as normas da resolução 196/96 e da Lei nº 8.412, de 28 de dezembro de 1990, que regulamenta os aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos. Todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), onde tomam conhecimento dos objetivos da experiência e declaram aceitar participar do projeto.

¹ Projeto Agente Jovem: Programa Federal que tem como objetivo a formação de um grupo de jovens onde devem ser oferecidas atividades que propiciem o desenvolvimento pessoal, social e comunitário, a ampliação de trocas culturais e intergeracionais e o acesso à tecnologia, mediante o compromisso assumido pelo jovem quanto à sua permanência no sistema de ensino. Para isso, os jovens recebem uma bolsa de incentivo.

AS REPRESENTAÇÕES DAS DIFERENÇAS

Na etapa 1, a grande maioria dos adolescentes colocou as tarefas ligadas à força, virilidade e auto-suficiência no painel de cor azul, enquanto que as ações ligadas ao papel da maternidade, do afeto e do cuidar foram, quase que em sua totalidade, colocadas no painel de cor rosa; reforçando que, inconscientemente, os jovens mesmo afirmando o contrário, ainda distinguem os papéis do “ser homem” e do “ser mulher”.

Durante a avaliação coletiva dos psicodramas (etapa 2 e 3), algumas considerações puderam ser captadas a partir de suas falas. Como, por exemplo, a discussão em torno da questão dos estereótipos sociais, revelando uma percepção sobre relações e papéis de gênero ainda orientados por valores tradicionais, tanto entre os homens como entre as mulheres.

Perceber e expressar as diferenças de gênero parece ser mais fácil dos que as semelhanças. As representações sociais expressas nas palavras dos entrevistados costumam refletir as desigualdades das relações de gênero construídas socialmente. Como nos exemplos, a seguir:

“Homem é diferente da mulher” (Maria)

“Os homens são mais confiáveis dirigindo” (José).

“O homem fica intimidado quando a mulher trabalha fora de casa” (João)

“A mulher pra casar tem que ser virgem” (Pedro)

“Eu acho que a mulher deve cuidar do marido e dos filhos” (Violeta).

Os relatos acima demonstram uma tendência para a naturalização na distinção das funções de homens e mulheres, particularmente no que diz respeito à vivência da sexualidade, com a primazia masculina sobre a descoberta do corpo, do prazer e da liberdade sexual.

Os resultados aqui encontrados corroboram com os estudos feitos por Dias e Aquino (2006), na medida em que percebemos uma supremacia da associação da mulher, desde cedo, com as tarefas domésticas, como cuidar dos irmãos e da casa; além do recato, considerada tradicionalmente uma prerrogativa exclusiva das mulheres. Para os homens é reservado o papel das descobertas na rua, da ousadia, do empreendedorismo e do poder de sobrepor sua vontade à vontade das mulheres. Visão

esta compartilhada, muitas vezes, tanto por homens quanto por mulheres. Como nos relatos, a seguir:

“A mulher tem que ser virgem sim, mas o homem não, claro!” (Bosco)

“A mulher é diferente do homem porque ela não pode sair namorando com um monte de menino, senão fica falada. Já o homem pode...” (Rosa)

“A mulher se fizer algo errado sempre fica mais falada que o homem” (Antônio)

Em relação à auto-suficiência e superioridade, as frases abaixo mostram que diferenças também foram percebidas e citadas. Questionando esta visão preponderante, construída socialmente em milênios de dominação, Pierre Bourdieu (1999) explica que nas relações de gênero, as características de diferenciação com base na dominação e na hierarquia, são formadas a partir de parâmetros em torno do eixo masculino e seus similares. Neste sentido, o que é masculino tem prioridade e é valorizado como positivo e superior, enquanto que as idéias e as atitudes que se esperam das mulheres giram em torno mais da submissão e da complacência.

PERCEBENDO DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS

Os jovens ouvidos em nossa pesquisa representam bem a visão de naturalização da dominação e superioridade do homem sobre a mulher. Não foi difícil perceber a diferenciação como uma condição fixa e natural e a suposta superioridade masculina concebida como um dom benéfico para todos; pois, se o homem é superior à mulher, o melhor para ambos é ter a figura masculina como centro das decisões.

“O homem é mais do que a mulher” (Carlos)

“O homem tem mais capacidade de se cuidar” (Armando)

“A mulher tem que fazer o que o marido diz pro bem dela” (Patrícia)

Na construção social das diferenças de gênero, os aspectos biológicos são, quase sempre, utilizados como características que comprovariam a naturalização das distinções. Todavia, é necessário não perder de vista que estas diferenças biofisiológicas não representam, por si, elementos de superioridade, ou inferioridade. São distinções que vão receber carga valorativa social hierarquizada em função de cada cultura particular (Idem, 1986). A partir destas diferenças orgânicas são construídas culturalmente um conjunto de preconceitos assentados em estereótipos e protótipos que

pululam as representações sociais da sociedade em geral e dos adolescentes, em particular.

Quando questionado sobre o porquê dos pais darem mais liberdade aos filhos homens, a resposta do jovem Maciel foi a seguinte:

“É diferente, porque se o homem sai à noite não vai engravidar. Mas, a mulher se sair pode engravidar...” (Maciel)

Analisando esta fala pudemos observar o quanto o aspecto fisiológico é ressaltado para justificar uma diferença comportamental e, portanto, cultural. Tal dedução se assemelha à análise de Pantoja (2003), de que a responsabilidade pela prevenção da gravidez e a responsabilização pela ocorrência da mesma, recai de forma mais acentuada sobre a mulher.

Embora apresentem outras definições e percepções dos diferentes papéis de mulheres e homens, muitas mulheres também tendem a reproduzir o discurso naturalizante das diferenças de gênero (PANTOJA, 2003). Na fala a seguir, observamos uma generalização do significado de “ser homem”, por parte das mulheres, pautada pelo fixismo determinista de sua condição orgânica:

“Homem é tudo igual, nenhum presta” (Margarida)

Ao reafirmar esta máxima, a adolescente em questão simplesmente deixa transparecer sua idéia de que há algo em comum e reprovável no comportamento do homem. Neste caso, uma tendência a traição e poligamia. Quando culturas diferentes aceitam a poligamia não há traição, mas quando uma sociedade reafirma a existência da traição, significa que ali exista a poligamia. Em todo caso, a condição do homem ter várias mulheres tem sido naturalizado em diversas culturas e épocas.

Este fato não decorre, simplesmente, do homem ser o provedor do sustento da família. Muitas vezes, mesmo em lares onde a mulher é responsável pelo sustento econômico da casa, o homem é apontado como o chefe da família, centralizando as decisões mais importantes em suas mãos.

Tradicionalmente o trabalho fora de casa, o espaço público e as interações sociais têm sido reservados ao homem; enquanto o trabalho doméstico, o espaço privado e as relações familiares e intra-grupal são, comumente, concebidos como exclusividade das mulheres, mesmo nos dias em que ambos disponíveis. Por outro lado,

cabe ressaltar que o trabalho doméstico costuma não ser valorizado pela maioria como um verdadeiro trabalho.

“Tem uns trabalhos que são de homens, e o marido sabe que a mulher não deve trabalhar porque tem muitos homens e ele está certo, não é bom pra mulher”
(Gabriela).

“Dia de domingo, o homem tem que sair com os amigos, tomar uma cervejinha”
(Gabriel).

“Mulher dia de domingo tem que ficar cuidando da casa, no máximo sair pra ir pra igreja” (Marcos).

“A mulher fica o dia todo em casa, se cansa de que? De ficar deitada no sofá?”
(Manuel).

Todavia, uma minoria dos adolescentes demonstrou ter percepções de igualdades e semelhanças entre o “ser homem” e o “ser mulher”, sendo que esta parcela da amostra foi constituída pelo sexo feminino.

“O homem trabalha fora de casa, mas a mulher também trabalha dentro de casa, será que não cansa não?” (Jasmim)

“Mulher e homens são iguais” (Marta)

“A virgindade da mulher não tem nada haver, basta um respeitar o outro”
(Laura)

Uma das dificuldades nas discussões de gênero é o entendimento dos papéis construídos socialmente para homens e mulheres, enquanto uma diferenciação não-natural, como uma elaboração cultural complexa que se expande para além das práticas relacionais, indo formatar as representações intersubjetivas de homens e mulheres. Se as diferenciações são questionadas e relativizadas, em algum momento das falas dos adolescentes, isto pode ser um indício de uma hegemonia masculina fragmentada.

Embora não possamos generalizar, é possível afirmar que uma nova visão mais equânime e equilibrada de gênero disputa espaço na mentalidade dos jovens. Opiniões e visões diferentes manifestam a diversidade de percepções dos papéis de gênero, ainda que haja uma preponderância da masculinidade dominante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A divisão dos papéis de homem e mulher é algo historicamente construído e socialmente percebido, podendo esta dicotomia ser encontrada nas representações cotidianas de jovens adolescentes, como foi mostrado nesse estudo, haja vista que os mesmos relataram várias percepções e experiências vividas a partir das diferenças socialmente construídas dos papéis de gênero.

Observou-se que os adolescentes ainda trazem valores tradicionais e hierarquizados do “ser homem” e do “ser mulher”. Essa distinção de papéis tem repercussões diretas nas práticas cotidianas, sobretudo no processo saúde-doença, uma vez que pode gerar diversos problemas, tais como baixa auto-estima, falta de cuidados e do uso de preservativos nas relações sexuais, além de violência contra a mulher.

Na perspectiva da superação deste problema, a escola e a família são “espaços” privilegiados para construção de uma nova visão da relação de gênero; por isso, as mudanças nos conceitos que foram previamente estabelecidos devem começar desde cedo, educando os pais para que estes eduquem seus filhos.

Tendo tais questões como tema, acredita-se que os resultados obtidos por estas experiências sustentadas por uma metodologia de trabalho dialógica e participativa, possibilitaram aos adolescentes momentos importantes de reflexão e questionamento de valores, vivências e experiências no contexto do grupo, fornecendo as bases para a produção de novos sentidos e novos conceitos em relação ao tema.

É necessário lutarmos pela igualdade entre homens e mulheres, e isso, como qualquer mudança nos conceitos, atitudes e valores da população, só é possível através da educação, da reflexão e da dialogação cooperativa.

A capacitação em dinâmica de gênero por nós trabalhada possibilitou conduzir, de forma mais rápida e eficaz, o alcance desses objetivos. A sensibilização dos jovens contribuiu para desenvolver o espírito de equidade e de igualdade de gênero entre homens e mulheres e construir a reflexão e o conhecimento sobre a temática em questão.

REFERÊNCIAS

AFONSO, L. Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2000.

ANJOS, G, dos. Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências . Sociologias, Dez 2000, no.4, p.274-305. ISSN 1517-4522.

ARAÚJO, A.J.S et. al. Incidência de violência contra mulher no bairro João de Deus no município de Petrolina. In: Gomes N.P., Ramos, P.R., organizadores. Saúde e Enfermagem: a pesquisa como valor na formação profissional. Rio de Janeiro, Booklink, Petrolina: Univasf 2008. p.98 – 111.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. Educação e realidade, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

_____. O Poder Simbólico. Lisboa: Difel, 1986.

GONTIJO, D.T.; MEDEIROS, M. - Gravidez / maternidade e adolescentes em situação de risco social e pessoal: algumas considerações. Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 06, n. 03, 2004.

CORREA, S. "Saúde reprodutiva", gênero e sexualidade: legitimação e novas interrogações. In: Giffin K, Costa H, organizadores. Questões da saúde reprodutiva. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 1999.

DIAS, A.B. e AQUINO, E.M.L. Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. Cad. Saúde Pública vol.22 no.7 Rio de Janeiro/Julho, 2006.

DINIZ, N.M.F, et al: Psicodrama como estratégia pedagógica: vivências no ensino de graduação na área de saúde da mulher. Rev.Latino-am.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 8, n. 4, p. 88-94, agosto, 2000.

HEILBORN, M. L. et al. Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. Horizontes Antropológicos, 2002.

PANTOJA, A.L.N. “Ser alguém na vida”: uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência, em Belém do Pará, Brasil. Cad. Saúde Pública vol.19 suppl.2 Rio de Janeiro, 2003

TAQUETTE, S. R.; Vilhena de, M. M.; Paula de M.C. Doenças sexualmente transmissíveis e gênero: um estudo transversal com adolescentes no Rio de Janeiro. Cad. Saúde Pública v.20 n.1 Rio de Janeiro, jan./fev. 2004.

ROMAÑA, M.A. Construção coletiva do conhecimento através do psicodrama. Campinas: Papirus, 1992.